

A criação foi quase um imperativo

Com a proclamação da República, Deodoro deu o primeiro passo: considerou o Rio capital provisória do País

AUREA VARJÃO

A visão de Dom Bosco, o ideal de Tiradentes, de José Hipólito da Costa e de José Bonifácio de Andrade e Silva, a interiorização da capital do Brasil transformou-se quase em imperativo constitucional com a Proclamação da República, em 1889. A primeira ação do governo, chefiado por Marechal Deodoro da Fonseca, foi o de considerar o Rio de Janeiro a sede provisória do governo.

Conforme diz Adirson de Vasconcelos em seu livro "Mudança da Capital", três atos do Marechal Deodoro definiram bem a preocupação do Governo Provisório Republicano quanto ao propósito de interiorizar a capital. O primeiro Decreto, com data de 15 de novembro de 1889, determinou a cidade do Rio de Janeiro, provisoriamente, como sede do Poder Federal. Ao tornar público o projeto da Constituição através do Decreto 510, o Governo revolucionário inseriu, como preceito constitucional, a possibilidade de mudança da capital ao atribuir ao Congresso esta tarefa decisória. Pelo texto constitucional proposto, no artigo 2º, o Rio de Janeiro continuaria a ser a capital da União "enquanto outra coisa não deliberar o Congresso", ao mesmo tempo em que estabelecia que "se o Congresso resolver a mudança da capital", o Rio de Janeiro passaria per si a constituir um Estado".

CRULS

Em 1982 o presidente Floriano Peixoto, cumprindo determinação do Congresso, criou a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, que tinha como principal objetivo estudar e demarcar uma área para a sede da nova capital. A Comissão Exploradora do Planalto Central era chefiada por Luiz Cruls, astrônomo, e diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. A Comissão foi formada por botânicos, geólogos, higienistas, astrônomos, engenheiros e naturalistas. Luiz Cruls e a sua equipe ficaram treze meses no Planalto Central. Cruls demarcou uma área de 14.400 quilômetros, que mais tarde ficou conhecida como "Quadrilátero Cruls". O primeiro mapa do Brasil, aparecendo o Distrito Federal, é datado de 1893.

A Comissão Cruls, com o sucesso alcançado na missão de demarcar o sítio para a capital, foi encarregada

pelo presidente Floriano Peixoto de uma nova tarefa: escolher, na área já demarcada, um local para a construção da cidade. Esse grupo formou a Comissão de Estudos da Nova Capital. Durante vários dias, a Comissão ficou no Planalto Central estudando o clima, a vegetação, direção dos ventos, etc... e, entre os sítios escolhidos para a construção da cidade, está o que foi eleito para a formação de Brasília.

SÉCULO XX

Com o início do Século Vinte, a situação muda, o ideal da interiorização da capital não encontra ressonância no Governo de Prudente de Moraes. Nessa ocasião, o governo anuncia a extinção da

Comissão Cruls e encarece ao Congresso o seu apoio para solucionar os problemas do Rio de Janeiro. Na ocasião houve quem afirmasse que a mudança da capital não interessava aos paulistas e como Prudente de Moraes defendesse os objetivos de São Paulo era contra qualquer mudança. Mas a idéia continuava e a imprensa e alguns membros do Congresso lutavam pela transferência da capital.

Com as perspectivas das festas do primeiro centenário da Independência, em 1922, os ideais mudancistas foram reativados. O presidente Epitácio Pessoa recebe uma decisão do Poder Legislativo e acolhe: será lançada a pedra fundamental da nova capital no Planalto Central do País. Assim, no dia 7 de

setembro, é içada a Bandeira Nacional nas cercanias de Planaltina.

A década que sucede ao lançamento da pedra fundamental da nova capital é quase sem resultados em relação ao ideal mudancista. O País atravessava problemas financeiros e as dificuldades do entendimento político-partidário fazem recrudescer as lutas civis e revoluções, nos governos Epitácio Pessoa e Artur Bernardes. Com a ascensão de Washington Luiz ao poder tudo parecia encaminhar novamente aos debates, mas o descontentamento gerado pelos resultados das eleições provoca a revolução de 30 e o País passa a viver a ditadura Vargas. Mesmo na ditadura os mudancistas continuavam batalhando por seus

ideais e um dos idealistas, Teodoro de Almeida, chega a fazer uma planta para a nova cidade. Os constituintes de 1934 retrocedem na idéia mudancista, mas a bancada goiana defendia o ponto de vista já consagrado pela Constituição de 1891. A decisão final da Assembleia Constituinte limita-se apenas a fazer algumas revisões gramaticais ao artigo proposto pelo Governo, que inclui o assunto nas "disposições transitórias".

O dispositivo do governo, embora propondo a transferência da capital, "para um ponto central do Brasil" estabelecia que este ponto central deveria ser estudado entre várias localidades. Assim tudo voltou à estaca zero. Durante a Guerra Mundial e a ditadura Vargas um

importante estudo foi feito pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nesse estudo, depois encaminhado ao presidente da República, o IBGE apontava a transferência, da capital como fator de segurança nacional.

Com a convocação da Constituinte de 1946 e a edição da terceira Carta Magna, o ideal da interiorização voltou a ser consagrado e já de uma forma mais definitiva, com um prazo para o início dos estudos de localização da construção da cidade. Com a inclusão do princípio mudancista, três correntes de opinião se formaram em torno do local a ser escolhido; o Triângulo Mineiro, a cidade de Goiânia ou o Quadrilátero Cruls. O então deputado Juscelino Kubitschek lutava para que a capital ficasse em Minas Gerais.

Para proceder os estudos de localização da nova capital o presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma comissão chefiada pelo General Djalma Polli e essa comissão, formada por um médico sanitário e onze engenheiros, concluiu pela solução encontrada, no final do século XIX, por Luiz Cruls, ou seja, o Planalto Central, onde hoje está Brasília.

Com base na mensagem de Eurico Gaspar Dutra, encaminhando as conclusões da Comissão Polli, o Congresso Nacional, depois de quase cinco anos de estudos, aprova, no final de 1952, a lei que manda realizar estudos definitivos para a escolha de um sítio, no Planalto Central, para a edificação da capital. Nasce a necessidade de uma nova comissão para tratar do mesmo assunto que fora, exaustivamente estudado pela Comissão Cruls, sessenta anos antes, e pela comissão Polli no final da década de quarenta. Esse novo grupo, a Comissão de Localização da Nova Capital, indica as conclusões chegadas por Cruls e Polli. A Comissão de Localização da Nova Capital escolheu cinco sítios que o presidente do grupo, Marechal João Pessoa, denominou com as cores: verde, castanho, azul, amarelo e vermelho. Dentre os locais escolhidos o assessor diretor do presidente da comissão, Ernesto Silva, falou sobre o sítio castanho: "Um impacto de bem estar nos assaltou a alma ao divisarmos o horizonte em torno, numa amplitude de trezentos e sessenta graus. Tudo em redor era azul, horizonte infinito." É no sítio castanho onde está localizado hoje o Plano Piloto.



A capital do Brasil, Brasília, está entre os graus 15 e 20, no Planalto Central, local escolhido por Luiz Cruls, no final do CrSec. XIX

HISTÓRIA OU ESTÓRIA

Brasília tem histórias pitorescas, acontecidas na época de sua construção. Essas duas foram retiradas da coluna "Visto Lido e Ouvido", assinada pelo jornalista Ari Cunha. Aí estão elas:

Quem era contra Brasília, jamais ficou calado. Foi assim que se espalhou pelo país uma estória que era contada mais ou menos assim: Juscelino estava na porta de um armazém na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) vendo os fregueses chegarem. Um pediu anzol. Outro, vara de pescar. Outro, compra chumbada.

Até que lá pelas tantas chegou um e pediu uma enxada. Juscelino dirigiu-se ao dono do armazém e disse que ele mesmo pagaria. Dirigindo-se então ao rapaz, o presidente indagou: "Que marca de enxada você quer? Pode escolher a melhor que esta eu pagarei." O caipira, meio surpreso com a oferta, respondeu ao presidente: "Uai, qualquer uma! Para catar minhoca qualquer uma serve".

Obdego Batista foi gerente da Vasp durante muito tempo, tendo chegado a

Brasília nas primeiras operações aéreas realizadas na futura capital. A princípio era quase sozinho e às vezes tinha que empurrar DC-3 para sair dos atoleiros. Dia após dia de trabalho e dedicação terminou diretor da empresa, cargo em que se aposentou. Batista antes de mais nada era um grande relações-públicas. Os ministros, quando viajavam em avião comercial, sabiam seu telefone, pediam para atrasar voo, para reservar lugar, para tudo. Batista era simpático. Um dia, Fidel Castro chegou à Brasília a convite de Jânio Quadros. Nessa época

não havia segurança e os visitantes desembarcavam com apenas mingaodos guarda-costas, na verdade impotentes para uma operação inimiga. Batista foi receber Fidel Castro na pista porque a escada colocada no avião militar em que ele chegara era da Vasp. Os fotógrafos que faziam a cobertura gritavam: "Batista, segura o homem um pouquinho aí." E iam dando ordens a Batista. Fidel Castro olhou meio de soslaio, até que Batista repreendeu os fotógrafos: "Me chamem de Obdego rapaz. Obdego."